

# **POLÍTICA BISSEXUAL: UMA FORMA SUPERIOR DE FEMINISMO?**

Sheila Jeffreys

Departamento de Ciência Política, Universidade de Melbourne

**Tradução Sapataria Podcast - Camila Pupulin, Giovanna Soares e Lisiane Andriolli**

**RESUMO:** Neste artigo, devo examinar as ideias e práticas do movimento bissexual que têm crescido no Ocidente na última década. Eu ofereço uma crítica lésbica feminista. Teóricos e ativistas bissexuais têm formulado críticas ao feminismo lésbico em suas conferências e em antologias de seus ensaios. Lésbicas feministas foram descritas como "fascistas do gênero", como monossexistas e como bifóbicas por seu desinteresse em abranger bissexuais na teoria ou pessoalmente, mas pouco foi publicado a partir de uma perspectiva lésbica feminista nesse conteúdo. Argumento que as políticas bissexuais, em vez de criar uma forma superior de feminismo, tende à crença da naturalidade do desejo, uma reavaliação do imperativo heterossexual que as mulheres devem amar homens, minando o poder e a resistência envolvidos na decisão lésbica feminista de escolher mulheres e não homens.

Nos últimos 10 anos, o "movimento bissexual" tem se desenvolvido com conferências e antologias cheias de ideias na teoria e prática bissexual dos Estados Unidos e Reino Unido (Firestein, 1996; Hutchins & Kaahumanu, 1991; Rose & Stevens, 1996; Tucker, 1995; Weise, 1992). Os escritos de homens e mulheres ativistas bissexuais alegam que sua política é progressista, e até que a política bissexual é superior ao feminismo lésbico ou heterossexual. Feministas bissexuais tendem a alegar a identidade "queer" e reclamar da "bifobia" de feministas "monossexistas" (monossexistas restringem suas relações a apenas um sexo ou outro). Esse movimento permanece em grande parte ainda não analisado por teóricas lésbicas feministas. O momento está propício para uma análise lésbica feminista do fenômeno da política bissexual. Neste artigo, começo explorando as origens e ideias desse movimento, a variedade de práticas envolvidas, e avalio suas implicações ao feminismo lésbico através de uma análise crítica lésbica feminista das principais antologias produzidas pelo movimento bissexual dos Estados Unidos e Reino Unido na década de 1990.

## **ORIGENS DO MOVIMENTO BISSEXUAL**

As origens do movimento bissexual estão no movimento da liberdade sexual dominado por homens, na Califórnia na década de 1970 (Weinberg, Williams e Pryor, 1995). Esses homens bissexuais com liberdade sexual adotaram a identidade bissexual que os distinguisse dos muitos homens em relacionamentos heterossexuais que se envolvem em comportamento sexual com outros homens de maneiras semelhantes, mas não adotam a identidade bissexual. A prevalência de comportamentos bissexuais por homens que se identificam como heterossexuais tem sido revelada por pesquisadores preocupados com HIV/AIDS e no incentivo de práticas de sexo seguro nas *beats* (termo australiano para cruzeiros ou "chalés", locais públicos onde ocorre sexo entre homens anônimos) (Davis, Dow-sett e Klemmer, 1996). Esse comportamento é repleto de problemas para as mulheres que estão se relacionando com esses homens. Um livro australiano da atualidade, *Ela é*

*Minha Esposa. Ele é Apenas Sexo* (original *She's My Wife. He's Just Sex*), evidencia que milhares, possivelmente centenas de milhares de homens que não se identificam enquanto bissexuais ou gays e estão em um casamento ou relacionamentos com mulheres, utilizam *beats* ou homens e garotos prostituídos sem contar às suas esposas (Joseph, 1997). Algumas esposas desses homens estão em grupos de apoio onde podem expressar considerável raiva e dor pelo comportamento de seus maridos. Não existem grupos de apoio semelhantes aos parceiros das mulheres com comportamento bissexual, e isso deve nos alertar para a diferença da dinâmica de poder que ocorre nos comportamentos bissexuais de homens e mulheres.

Homens que se envolvem nesse formato de comportamento bissexual rejeitam a identidade bissexual porque se apegam à masculinidade tradicional, que é exemplificada na heterossexualidade. Assim Jeffrey, no estudo australiano, explica: "Eu suponho que minha imagem é importante para mim — Eu não gostaria que ninguém pensasse que sou bi ou homo" (Joseph, 1997, p. 26). Homens como Jeffrey, embora possam representar a forma mais comum de comportamento bissexual, não tem política bissexual.

Os homens que dominam o movimento bissexual contemporâneo parecem se envolver nesse comportamento de forma muito similar à descrita acima, isto é, eles têm esposas ou parcerias de fato com mulheres e se envolvem em atos sexuais com homens desconhecidos em *beats*, festas ou clubes, ou usando homens e garotos prostituídos. A diferença mais importante é que homens que se identificam como bissexuais esperam a aceitação de suas parceiras. Eles adotam a ideologia da não-monogamia, ou do poliamor, como é conhecido no movimento bissexual, para desviar das críticas sobre sua busca contínua por excitação sexual com homens. O compromisso ideológico com a não-monogamia pode ser, pela perspectiva feminista, necessário para que os homens envolvidos obtenham a obediência de suas esposas, mantenham o trabalho doméstico gratuito e, portanto, todos os privilégios da condição heterossexual masculina, embora sejam capazes de ter acesso a relações sexuais com homens.

Ativistas das políticas bissexuais explicam que ainda que o “movimento” bissexual tenha se inspirado no movimento lésbico e gay em torno da ideia de “sair do armário” (se assumir publicamente) e exigir visibilidade, não tinha começado até a década de 1980 e se fundamenta no movimento de libertação sexual dos Estados Unidos, especialmente na *Sexual Freedom League* (SFL, Liga pela Libertação Sexual) em São Francisco, nos anos 1970 (Tucker, 1995, p. 49). O movimento pela libertação sexual tem sido criticado pelas feministas por ser sobre o direito e a liberdade dos homens em obter tudo o que quiserem sexualmente e usar as mulheres para esse fim (Jeffreys, 1990). Um estudo sobre bissexualidade feito por três sexólogos estadunidenses, *Atração dupla* (original *Dual Attraction*), é baseado nas organizações criadas por homens e mulheres envolvidos no movimento de libertação sexual de São Francisco (Weinberg et al., 1995). Esses bissexuais da década de 1970 veem a si mesmos como revolucionários sexuais e muito comprometidos em *swinging* (sexo grupal), prostíbulos e sadomasoquismo, além de comprometidos com a não-monogamia. O estudo conclui que o comportamento bissexual dos entrevistados é simplesmente um “acréscimo” à heterossexualidade primária. Quase todos estavam em relacionamentos heterossexuais principais.

Os valores do movimento pela libertação sexual são bem evidentes nas ideias e práticas descritas nas antologias de ensaios sobre bissexualidade do final dos anos 1980 e anos 1990. Eles incluem o privilégio masculino, a expectativa do apoio das parceiras

mulheres, que vão aceitar a situação sem sentir ciúmes, a importância de ser capaz de separar o sexo da emoção amorosa e a centralidade do sadomasoquismo na prática bissexual. Porém, em 1980, a bissexualidade emerge como a política de sexualidade preferida para as novas constituições de mulheres e homens.

### *Variações da política bissexual*

Bissexualidade, conforme entendida pelos envolvidos no movimento bissexual, abrange uma grande variedade de comportamentos. Vou considerar aqui o que as mulheres que se identificam enquanto bissexuais descrevem como prática ou comportamento bissexual. Algumas se identificam como bissexuais porque às vezes têm sonhos ou fantasias sexuais com o mesmo sexo, sem nunca ter de fato realizado. Outras se identificam como bissexuais porque às vezes chicoteiam alguém do mesmo sexo em locais de sadomasoquismo (SM). Outras tratam seus relacionamentos e conexões com mulheres de forma muito similar às lésbicas feministas. Elas pretendem sempre amar mulheres e nunca se relacionar sexualmente com homens pelo resto da vida, mas ainda se autodenominam bissexuais. A bissexualidade das ativistas bissexuais mulheres pode incluir tudo, desde a experiência de um vago e não consumado interesse sexual por mulheres até um compromisso de quase toda vida com mulheres. Ao examinar essas variações do comportamento bissexual, procuro demonstrar como elas se distinguem da política e prática lésbica feminista.

*Bissexualidade como aventura sexual.* Muitas ativistas bissexuais parecem ver sua bissexualidade como parte de sua aventura sexual geral. Antologias sobre bissexualidade quase sempre incluem textos de bissexuais que dizem se envolver na bissexualidade por meio da prostituição, visto que têm amantes mulheres e clientes homens, ou pelo sadomasoquismo ou por *swinging*. Carol Queen, por exemplo, identifica a bissexualidade como parte da "diversidade sexual" e como se estivesse associada a uma perspectiva "sexualmente positiva" (Queen, 1991). Para ela, uma perspectiva sexualmente positiva é aquela que é positiva em relação ao sadomasoquismo e a prostituição. Algumas pessoas bissexuais, ela diz, podem experimentar sua "fluidez de atração" "por meio de jogos de gênero e outros jogos de papéis, estratégia de relacionamentos poliamorosos e até a participação na indústria do sexo (Queen, 1991, p. 114). Alguns sadomasoquistas se consideram bissexuais porque engajam em práticas em que o gênero do/a parceiro/a não é importante, partes do corpo são intercambiáveis e a criação de uma dinâmica de poder desigual é muito mais importante do que sobre quem a ação está sendo realizada. Assim, um sadomasoquista bissexual explica que as atividades sadomasoquistas são "livres de gênero":

Se você está amarrado de braços de forma que nem consegue ver a pessoa que está chicoteando você, a comunicação é apenas pela linguagem corporal... faz pouca diferença se essa pessoa é mulher ou homem; o que conta é a relação emocional e sensual entre quem está por cima ou por baixo (Mathur, 1996, p. 209).

Aqui "bissexualidade" consiste somente em atos sexuais. Essa é uma diferença significativa entre o lesbianismo do feminismo lésbico, que não é visto simplesmente ou necessariamente como atos sexuais e engloba o amor e a valorização das mulheres, uma

comunidade de amizade e apoio, a criação de uma história e cultura e uma forma política de resistência à dominação masculina (Faderman, 1981; Lesbian History Group, 1989). As noções de amor e relacionamento humano implicadas em muitas práticas bissexuais são extremamente empobrecidas.

*Bissexualidade como um adicional à heterossexualidade.* Um grupo de mulheres que se autodenomina bissexual pode ser identificado como aquelas que têm relacionamentos primários com homens e se relacionam paralelamente com mulheres. Elas rejeitam o rótulo de heterossexuais como se fosse um inibidor. Uma dessas mulheres expressou considerável hostilidade com as lésbicas que não se identificam com ela por causa de sua aparente heterossexualidade. “Tenho enfrentado TANTA hostilidade por ter ousado me identificar abertamente como bi mesmo sendo casada com um homem...” (Ault, 1996, p. 323). Essa mulher, como muitas outras, escolhe o rótulo de “queer” como condizente com sua situação, “quando eu ouvi sobre o movimento de rotular todas as pessoas de ‘queer’ e esquecer as distinções entre os vários graus de homossexualidade, eu fui imediatamente a favor disso” (Ault, 1996, p. 323). Esse uso do termo *queer* sugere uma das razões pela qual ele tem sido rejeitado por muitas lésbicas feministas que consideram que existe uma diferença significativa entre suas práticas e políticas e aquelas da mulher casada citada acima, e desejam celebrar isso. Lésbicas feministas têm criticado as políticas queer pelas outras maneiras pelas quais as lésbicas “desapareceram” também. Elas têm apontado que a política queer mina a batalha de 25 anos que lésbicas feministas fizeram para tornar as lésbicas visíveis na política mista entre lésbicas e gays, renova a hegemonia gay masculina e força lésbicas a se aliarem a quem tem uma agenda política que celebra o fetichismo de gênero e a hierarquia, assim como a pedofilia, o transgenerismo e o sadomasoquismo, que são opostos ao feminismo lésbico (Harne e Miller, 1996; Jeffreys, 1994; Parnaby, 1993).

Uma mulher explicou, em um workshop para mulheres casadas, numa conferência bissexual do Reino Unido, que elas concordam que

... relacionamentos com o mesmo sexo não afetam o casamento da mesma forma que com o sexo oposto afetaria, que “ficar com” outro homem é adultério e pode afetar seriamente o casamento... enquanto maridos heterossexuais consideram outra mulher diferente, até bem-vinda (Cade, 1996, p. 116-117).

Essa escritora tem “várias pessoas com quem interpreta cenas de sadomasoquismo” e “compartilha” amantes mulheres com seu marido numa casa compartilhada. Um “Euroqueer” descreve essa variedade da bissexualidade em funcionamento em Bruxelas:

A cena bissexual aqui apresenta alguns casais mistos (homem/mulher) que frequentam bares lésbicos. O homem senta no bar e olha sua namorada ficar com outra mulher, embebedá-la e levá-la para casa, para o que acaba sendo um *ménage à trois* com ele (“Euroqueer,” 1996, p. 287).

Essa prática bissexual envolve a exploração sexual de lésbicas para excitação de casais heterossexuais e pode contribuir para a considerável desconfiança em relação às/aos bissexuais por parte de lésbicas que não desejam proporcionar tal divertimento. A atenção ao

amor e ao relacionamento, à paixão e à valorização das mulheres que caracteriza o feminismo lésbico está surpreendentemente ausente. Lani Kaahumanu é uma das editoras de uma antologia americana fundamental, *Bi Any Other Name* (trocadilho com “bi” e “by”, tradução *Por Qualquer Outro Nome*). Sua bissexualidade, como a da maioria das pessoas que se identifica como bissexual embora esteja atualmente casada ou vivendo com homens, apresenta muito pouco amor pelas mulheres. Ela explica que, quando se assumiu lésbica em 1972, não conseguiu encontrar a mulher certa, então acabou aceitando que era majoritariamente heterossexual:

[Eu] aceitei a mim mesma como uma pessoa 70% heterossexual que provavelmente sou. Tive uma luta constante para não ter meu lado 30% lésbico ridicularizado ou mal-entendido. Durante os anos 1980 eu finalmente comecei a conhecer bissexuais assumidos e destemidos (Hutchins & Kaahumanu, 1991, p. xv).

Seu entendimento do desejo é completamente despolitizado. Ela “cresceu na revolução sexual” e foi “atraída pela energia”. Isso significa que ela pode se apaixonar por um homem na pista de dança e entreter sua namorada na cama de manhã. Sua bissexualidade originou-se nesse estado de filhote descuidado e supostamente “natural”. Ela não reconhece o poder masculino e a exploração sexual que as teorias feministas têm identificado como organizadoras desse suposto paraíso da revolução sexual.

*Bissexualidade imaginária.* Nessa categoria estão mulheres que se identificam como bissexuais embora não tenham tido relações sexuais ou românticas com outras mulheres e não tenham a intenção de ter. Duas mulheres em *Bi Any Other Name* se enquadram nessa categoria. Uma delas explica que é “uma judia casada de 23 anos. Nunca dormi com uma mulher, nem espero isso. Ainda assim, sou bissexual” (Reichler, 1991, p. 77). Outra explica que, embora seja casada e monogâmica, ela é dotada de uma bissexualidade que “influencia minha percepção e minhas decisões. Mais do que ter relações sexuais com ambos os sexos, bissexualidade é um modo de pensar, um ponto de referência para ver o mundo...” (Yoshizaki, 1991, p. 25). Esse “modo de pensar” bissexual consiste em sentar em casa com um homem e sonhar com o que deve significar amar mulheres; embora possa constituir o primeiro passo para saltar no mundo de amor à mulher, é de uma ordem bastante diferente da perspectiva lésbica adquirida pela experiência.

*Bissexualidade como uma forma de não se identificar como lésbica ou gay.* Alguns dos escritos dos ativistas bissexuais parecem apoiar a noção de que se identificam enquanto bissexuais no percurso para identificar-se como lésbica ou gay, embora os ativistas bissexuais rejeitem furiosamente a sugestão de que sua bissexualidade é apenas uma fase. Várias das colaboradoras da antologia que mencionei aqui adicionam uma nota de que agora se identificam como lésbica, por exemplo (Drake, 1996). A sanção social e a perda de privilégios envolvida na identificação enquanto lésbica é importante e pode encorajar as mulheres a evitar ou adiar essa definição. Um estudo sobre o comportamento bissexual masculino aponta que existem diferenças significativas entre os homens bissexuais e homossexuais nos papéis que desempenham no intercuro anal, o que pode apoiar ainda mais

essa noção (Stokes, Kittiwut, Vanable e McKirnan, 1996, p. 155). Os homens bissexuais e homossexuais têm a mesma possibilidade de ter relações sexuais anais insertivas, enquanto apenas 33% dos homens bissexuais têm a probabilidade de ter relações sexuais anais receptivas, em contraponto a 67% dos homens homossexuais. Tais pesquisas sugerem que os homens bissexuais estão determinados em manter uma identidade masculina tradicional, o que significa que eles não podem ser penetrados.

*Moda da bissexualidade.* Sue Wilkinson abordou o fenômeno da moda da bissexualidade. Ela explica que lésbicas estão sob pressão na cultura lésbica e heterossexual a fazer sexo com homens e que sexo com mulheres está sendo comercializado às mulheres heterossexuais como um complemento para suas relações com homens. A pressão é forte e leva a uma “abrangente despolíticação do sexo e o concomitante apagamento de mais de duas décadas de teoria feminista radical” (Wilkinson, 1996, p. 294). A moda da bissexualidade tem sido recentemente expandida à comunidade lésbica e gay que, comprometida com a política queer e a liberdade sexual, passaram a ter relações sexuais entre si muito divulgadas. Eles afirmam que seu comportamento heterossexual não interfere em suas identidades lésbicas e gays (ver Field, 1996). Eles podem ser vistos como cedendo à pressão da heterossexualidade compulsória, especialmente quando o comportamento bissexual é relutante ou sobre nojo, como nas festas “Jack e Jill Bate Uma” (em inglês “Jack and Jill Jerk Off”), nos Estados Unidos. Nessas festas, homens gays se envolvem sexualmente, em público e em couro preto, com lésbicas. Bill Strubbe (1997) chama seu relatório sobre esta cena de “Getting a Grip on the Ick Factor” (algo como “Obtendo controle do fator Nojo”) e explica que muitos homens gays estão revoltados com a ideia da genitália feminina. Ele procura superar sua repulsa e coloca seu dedo na vagina de uma “escrava sexual”, sendo conduzido por uma lésbica: “Aquela repulsa familiar, seguida pela sensação de que estou fazendo a coisa mais pervertida da minha vida: um bicha perscrutando uma boceta” (Strubbe, 1997, p. 47). Nesse cenário bissexual, enojar a genitália feminina é entretenimento. Pode ser a moda, mas não parece ser do interesse da liberdade das mulheres. Na verdade, Strubbe explica, essas festas têm dificuldade em atrair mulheres de qualquer modo.

*Bissexualidade feminista.* Muitas das mulheres que se identificam como bissexuais feministas explicam que anteriormente eram lésbicas feministas, mas perceberam que se sentiam atraídas por homens. Elas criaram grupos de apoio para lésbicas que se tornam bissexuais e trouxeram consigo, para o movimento bissexual, ideias feministas, como a importância de confrontar a heterossexualidade compulsória. Ruth Gibian fala sobre a euforia em se tornar lésbica, mas então, “Eu me apaixonei por um homem” (Gibian, 1992, p. 4). Mulheres como Ruth, embora agora com homens, querem manter suas amizades e comunidade com lésbicas e certamente têm políticas feministas. Elas expressam considerável mágoa pelo fato de que viverem com e amarem homens muitas vezes afeta a natureza de sua recepção na comunidade lésbica feminista. Algumas acham o feminismo lésbico insatisfatório. Ellen Terris, em “Minha vida como uma lésbica identificada Bruxa Bicha Bissexual” (original “My Life as a Lesbian identified Bisexual Fag Hag”) explica que ela foi uma “lésbica separatista *hard-core*” por um ano, e então “diminuiu para suave lésbica feminista” (Terris, 1991, p. 57). Ela desistiu

quando descobriu que o sexo não era quente o suficiente. Ela “transou. . . ocasionalmente”, mas o sexo não era o que ela queria:

. . . a sexualidade lésbica politicamente correta parecia ser monogamia, ou monogamia em série com um curioso vácuo no departamento de paixão suada. Nada de trepadas gostosas, nada de coisas patriarcais “sujas”; sem papéis, sem *butch* ou *femme*; e definitivamente nada daquilo com siglas sinistras como (suspiro! horrores!) SM — aparentemente, nenhum senso de humor também — permitido (Terris, 1991, p. 57).

Terris era e continua sendo uma fã da prática sexual de homens gays. O feminismo lésbico não correspondeu e, de fato, envolveu críticas políticas a muitas das práticas nas quais seus modelos gays se engajaram. Assim, ela concluiu que "se sentia como uma bicha presa no corpo de uma lésbica" (Terris, 1991, p. 58).

Um grupo mais surpreendente de feministas bissexuais é composto por aquelas que tiveram relacionamentos com homens em algum momento no passado e agora estão comprometidas com as mulheres. Elas frequentemente expressam seu comprometimento às mulheres pela vida toda e não conseguem imaginar se relacionar com homens novamente. Quando lésbicas feministas, como eu, saímos em circunstâncias muito semelhantes nas décadas de 1970 e 1980, saímos como lésbicas. Nós também amávamos as mulheres e nos comprometíamos com elas, reconhecendo que havíamos escolhido ser lésbicas (Leeds Revolutionary Feminist Group, 1981). Essas lésbicas bissexuais, como às vezes se autodenominam, acreditam que precisam reconhecer que foram capazes de sentir amor ou atração sexual por homens. Stacey Young, em *Bi Any Other Name*, explica como isso funciona:

Uma amiga minha, Leslie, se identifica como lésbica porque prefere mulheres... Mas agora, ela quer uma maneira de se sentir confortável possuindo e reconhecendo todas as suas experiências sexuais e emoções anteriores com os homens. “Eu realmente *me sentia* atraída por homens e gostava de fazer sexo com eles” (Young, 1992, p. 64).

Beth Elliott afirma que “Muitas de nós estão vivendo o que é basicamente uma vida lésbica, mas não queremos nos sentir restringidas ao adotar um rótulo ‘lésbica’” (Elliott, 1992, p. 237). A determinação de ser considerada “bissexual” pode parecer estar em contradição com a prática real dessas mulheres. Assim, como Elliott descreve, "Uma mulher, em uma discussão na primeira Conferência Nacional Bissexual, praticamente se desculpou por ser tão voltada para mulheres que ela se perguntou se ela tecnicamente poderia não ser realmente bi, já que ela ainda não tinha se envolvido com um homem" (Elliot, 1992, p. 237).

Muitas das ex-lésbicas que agora se identificam como bissexuais, como aquelas mulheres que amam mulheres, mas já tiveram relações sexuais com homens, falam da necessidade de reconhecer e afirmar sua “própria verdade sexual e emocional” (Goswami, 1991, p. 62). Isso sugere uma suposição essencialista subjacente na nova bissexualidade. Nessa versão da bissexualidade, mulheres que estão envolvidas em relações com mulheres e se identificam como lésbicas podem sentir interesse sexual com um homem e jogar sua política lésbica para o vento porque seus corpos as dizem a “verdade”. Outras mulheres que

escolheram amar mulheres para sempre estão se identificando como bissexuais porque uma vez “conheceram” um homem. Desejo sexual, em sua indiscutível construção política (Jeffreys, 1990), e mesmo que apenas passageiro, é tratado com o devido respeito, como uma profecia de Sybilline, indicando a verdade real e a direção da vida de uma pessoa. O desejo sexual em si é representado como incontrolável e incompreensível. Assim, Stacey Young expõe que quando, depois de se envolver com mulheres, se sentiu atraída sexualmente por um homem, aconteceu bem misteriosamente. Ela diz que “para minha surpresa... Eu me apaixonei por um homem...” (Young, 1992, p. 81). A flecha do Cupido está aqui tão irresistível quanto toda a tradição romântica masculina. As personagens dessa história bissexual são vítimas do destino. Elas são, portanto, fortemente distintas das lésbicas feministas que valorizam a escolha positiva do lesbianismo, a experiência de construir seu próprio destino rebelde como mulher identificada com as mulheres em uma cultura de ódio à mulher.

Bissexuais que foram lésbicas e receberam o apoio dessa comunidade, compreensivelmente, lamentam o que perderam. Dajenya, em *Bi Any Other Name*, expressa comoção “...a enorme dor que uma mulher sente quando é condenada ao ostracismo e isolada da única comunidade com a qual se identifica e ama. Não é uma questão de ser excluída de algumas festas e eventos lésbicos” (Dajenya, 1991, p. 250). Alguns ensaios de feministas bissexuais mostra uma considerável ingenuidade sobre por que podem não ser confiáveis na comunidade lésbica. Amanda Yoshizaki, por exemplo, apesar de ter estado anteriormente na comunidade lésbica como lésbica, decidiu não só ter um relacionamento com um homem, mas também casar-se com ele. Feministas, não apenas lésbicas feministas, desenvolveram críticas violentas ao casamento como uma instituição de dominação masculina (Pateman, 1988). Para lésbicas e gays é provável que pareça uma instituição de privilégio heterossexual. No entanto, Yoshizaki não vê nenhuma razão profunda para questionar o casamento:

Apesar das razões financeiras e antropológicas, nós finalmente casamos porque é psicologicamente importante para nós. Talvez isso seja nossa fraqueza pessoal, mas nós sentimos que o casamento é nosso próximo passo no desenvolvimento como casal (Yoshizaki, 1992, p. 155).

Ela ficou surpresa e magoada com a falta de entusiasmo das lésbicas em relação ao seu casamento “quando apareço na comunidade lésbica como tendo casado com um homem, muitas vezes sou vista como traidora, na melhor das hipóteses, e leprosa, na pior” (Yoshizaki, 1992, p. 156).

Algumas feministas bissexuais escrevem sobre o lesbianismo como sendo uma casa de repouso para a qual elas podem ir para lidar com seus sentimentos de baixa autoestima ou superar abuso sexual, antes de encarar um homem novamente com mais força e conhecimento. Sharon Gonsalves, por exemplo, rejeita homens como um “ato significativo para minha cura” do incesto e estupro (Gonsalves, 1992, p. 115). Mas ela retornou aos homens de forma a ser “verdadeira comigo” e descobriu que estava fortalecida para conseguir o que queria dos homens. Ter uma “experiência na comunidade lésbica” deu a ela “força e entendimento para ser capaz de fazer exigências aos parceiros masculinos que como mulher heterossexual eu não tinha” (Gonsalves, 1992, p. 122). Susanna Trnka explica que ser bissexual a permite ter um relacionamento melhor com o homem com quem ela vive. “Minha

bissexualidade trouxe para o meu relacionamento uma sensação de espaço maior entre nós” (Trnka, 1992, p. 104). Isso é muito diferente da maneira como as lésbicas usam a comunidade lésbica, enquanto destino, não como estação intermediária.

### *As políticas da bissexualidade*

Embora a prática bissexual de quem escreve nas antologias recentes possa se diferenciar consideravelmente, as políticas expressas são surpreendentemente parecidas. Ativistas bissexuais tendem a dizer que suas práticas são superiores às de lésbicas e gays porque rejeitam o dualismo da hetero/homossexualidade. Muitos dizem que também são superiores na prática do poliamor e fornecem um exemplo do caminho para um melhor futuro sexual. Eles expressam considerável hostilidade com lésbicas e gays por serem menos acolhedores e se envolverem na “bifobia” contra eles. Algumas dessas afirmações são examinadas aqui.

*Monossexismo.* Muitos ativistas bissexuais, homens e mulheres, proclamam que sua sexualidade é mais progressiva e bem ajustada do que de lésbicas, gays ou heterossexuais. Isso porque eles não são limitados por gênero na escolha de parceiros. Eles quebram com o binarismo hetero/homo, que, como eles afirmam, é um dispositivo da supremacia masculina para controlar e limitar a expressão sexual das pessoas, seus desejos e suas práticas. Assim, uma mulher bissexual entrevistada para um estudo da identidade bissexual argumentou:

Eu desejo que monossexuais (lésbicas e heterossexuais) sejam mais tolerantes com bissexuais. (Imagino como eles possam se sentir, sabendo dentro da minha mente que esses diversos grupos podem ser unidos como “monossexuais”, isso é, pessoas que escolhem limitar sua sexualidade) (Ault, 1996, p. 325).

É precisamente a determinação de escolher parceiros "independente do gênero" que algumas feministas lésbicas estranham, já que nós escolhemos especificamente mulheres pela sua "diferença" dos homens. Afinal, mulheres e homens ocupam diferentes posições de poder dentro da sociedade de supremacia masculina, o que provavelmente influencia como elas aprendem a se comportar e quais direitos e privilégios podem esperar. "Gênero" engloba as diferenças impostas pelo domínio dos homens e subordinação das mulheres. Feministas lésbicas que preferem as mulheres estão fazendo uma escolha deliberada em que o gênero, entendido como a dinâmica política da dominação masculina, é central e não irrelevante.

Ativistas bissexuais que argumentam sobre a transcendência do gênero tendem a se inspirar no pós-modernismo. Teóricas feministas e lésbicas feministas têm criticado o entusiasmo pelo pós-modernismo em algumas áreas da teoria feminista, lésbica e gay. Elas têm apontado que tal teoria é despolitizante pela rejeição de categorias como "mulher" e "lésbica" e da ênfase do fluido e fantasioso sobre o material, incluindo as desigualdades materiais entre mulheres e homens (Bell e Klein, 1996; Jeffreys, 1993, 1994). Assim como a fluidez e diversidade são vistas como fundamentais para a teoria pós-moderna, também são para a bissexualidade, e a bissexualidade é tão diversa e fluida em sua prática que pode ser vista como representando a prática pós-moderna ideal. Assim, Donald E. Hall explica em

*RePresentando Bissexualidades* (em inglês *RePresenting Bisexualities*) que “BISSEXUALIDADE = PÓS-MODERNISMO CORPORIFICADO” (Hall, 1996, p. 09). Isso porque os novos estudos bissexuais desta coleção são dedicados a “celebrar pluralidades, lendo multiplicidades, envolvendo diversidades sexuais que estranham o binário” (Hall, 1996, p. 10). O australiano McKenzie Wark também representa a prática bissexual como um polimorfo revolucionário perverso e explica que o potencial da política bissexual reside em: “O fluxo proliferante de imagens, livre da capacidade de qualquer aparato social de limitar a interpretação, torna possível um campo virtual abstrato de desejos possíveis” (Wark, 1997, p. 77). A abordagem que bate palmas ao fazer o que vem naturalmente, serve para encobrir um universo de mecanismos complexos politicamente construídos para manter o poder masculino e a subordinação feminina. Hall se entusiasma com o fato de que “o desejo é [muuuuito] inerentemente desordenado” (Hall, 1996, p. 12). Bem, na verdade não. Na teoria feminista radical, ele é construído e direcionado para manter um sistema político de heterossexualidade masculina dominante (MacKinnon, 1989).

*Lésbicas e gays acusados de bifobia.* A relutância em aceitar a exigência bissexual de ser incluída nas comunidades, organizações, atividades, redes sociais lésbicas ou gays é definida por ativistas bissexuais como “homossexismo” ou “bifobia”. Jo Eadie, por exemplo, acusa lésbicas e gays que não aceitam bissexuais de terem medo de seu próprio potencial heterossexual.

É bastante claro que grande parte da bifobia lésbica e gay é uma representação do pânico de sua rejeição de seus próprios desejos heterossexuais. Já que ser lésbica ou gay é ser ameaçado e oprimido, torna-se muito importante sustentar sua identidade em face de sua negação pela cultura dominante (Eadie, 1996, p. 17).

A acusação de bifobia representa os escrúpulos políticos que lésbicas, gays ou mesmo heterossexuais podem ter sobre a política bissexual e a prática como preconceito ignorante ou um problema psicológico. Assim, os ativistas bissexuais são protegidos de levar a sério as críticas políticas.

*Anti-feminismo.* Muitas que se identificam com a posição do feminismo bissexual expressam considerável raiva às feministas lésbicas por que consideram que elas sejam insensíveis com bissexuais. Ativistas bissexuais acusam feministas lésbicas de determinismo biológico, essencialismo, e até “facismo de gênero”. Feministas lésbicas “responderam a heterossexualidade forçada com a homossexualidade forçada” (Sturgis, 1996, p. 43). Feministas bissexuais, por outro lado, acolheram homens e viram o relacionamento com eles como vitalmente necessário:

... o feminismo bissexual exige que os homens sejam incluídos em qualquer projeto de mudança feminista... insiste em incluir os homens em nossas vidas de maneiras profundamente pessoais — por escolha, não por compulsão —, exige engajamento político com os homens na esperança de que a mudança é possível (Sturgis, 1996, p. 43).

É uma suposição estranha que só porque lésbicas escolhem não ter homens em suas camas, ou mesmo em seu universo emocional, que elas não se envolvem com eles politicamente. É provável que as feministas lésbicas se envolvam ativamente em várias lutas políticas contra a violência masculina ou a pornografia, por exemplo, que confrontam o poder masculino. Não está claro por que discutir com os homens sobre quem leva o lixo para fora é uma forma mais eficaz de engajamento político do que fazer campanha por casas seguras ou por reformas legais.

Amanda Udiss-Kessler explica que o esforço em torno do lixo é revolucionário. Isso porque: “Ao contrário das feministas lésbicas, nossas tentativas de transformar, em vez de reproduzir, as estruturas do sexismo têm um impacto imediato sobre os homens e podem, na verdade, mudar diretamente suas perspectivas e comportamento” (Udis-Kessler, 1992, p. 184). Isso poderia ajudar feministas heterossexuais, ela diz, que se inspirariam no exemplo de feministas bissexuais lutando contra a divisão do trabalho em suas casas. Esse argumento não é novo. Nos grandes debates entre feministas heterossexuais e lésbicas do final dos anos 70 e 80 no Reino Unido, as feministas heterossexuais argumentaram exatamente a mesma coisa, que estavam na face do carvão, mudando os homens por meio de sua intimidade combativa com eles (veja algumas contribuições para Onlywomen Press, 1981). É difícil perceber por que feministas bissexuais seriam necessariamente mais bem-sucedidas na linha de frente do que suas irmãs heterossexuais mais comprometidas. Udis-Kessler procura explicar a vantagem bissexual:

Ao considerar nossos relacionamentos heterossexuais, temos nossas experiências com mulheres disponíveis para comparação; podemos determinar quais são as semelhanças e diferenças e conectá-las aos tipos sutis de desempoderamento presentes quando estamos com os homens... (Udis-Kessler, 1992, p. 184).

Quando as mulheres reconhecem, como as feministas bissexuais reconhecem, que podem amar as mulheres, é difícil entender por que escolheriam se envolver em relacionamentos que as sujeitam ao "desempoderamento".

Na antologia feminista que promove a bissexualidade, *Mais Perto de Casa* (em inglês *Closer to Home*), Beth Elliott explica que o feminismo bissexual é superior e provável de ser o feminismo do futuro. É sexo-positivo e inclui homens. “Bi-feministas são as mulheres com maior probabilidade de serem pioneiras em uma perspectiva feminista nova e inclusiva, além do dualismo que o feminismo lésbico ainda não transcendeu” (Elliott, 1992, p. 240). Feministas lésbicas são constantemente censuradas por se recusarem a amar os homens, enquanto o entusiasmo pelos homens torna as feministas bissexuais superiores.

### *Poliamor*

Não-monogamia ou poliamor, enquanto busca de mais de um relacionamento emocional e/ou sexual ao mesmo tempo, é aclamada pelo movimento bissexual, é enfatizada por muitos ativistas como um ingrediente vital para a política bissexual e um ato revolucionário e transformador da sociedade *mainstream* e careta.

A questão da não-monogamia tem sido contestada dentro da comunidade lésbica feminista e muito debatida e experimentada. Não-monogamia entre mulheres, embora possa

ter problemas associados, bem como alegrias, e possa ser atormentada por diferenças de poder por raça ou classe, pelo menos está livre da linha divisória do gênero. A relação de poder entre mulheres bissexuais, que ainda estão aliadas a homens, e lésbicas, é perpassado pelo privilégio heterossexual que mulheres bissexuais possuem, e as posições muito diferentes na estrutura de poder do mundo que os amantes macho e fêmea dessas mulheres ocupam. Isso pode causar um sofrimento considerável que algumas bissexuais parecem não reconhecer. Eileen O'Connell, por exemplo, se envolveu com uma lésbica e um homem ao mesmo tempo. A lésbica teve que concordar que Eileen não se comprometeria com ela, mas ela achou difícil lidar com o relacionamento de Eileen com um homem.

Jason no geral era bastante razoável sobre isso, embora eu ache que em parte era porque ele achava erótico e excitante. Então eu realmente causei problemas quando sem querer reservei o mesmo horário para os dois. Infelizmente eu não estava lá quando eles apareceram na porta juntos. Você pode imaginar a cara da Cath. Ela aparentemente só se virou e foi embora. Cath jogou meu nome e minha sexualidade na lama (O'Connell, 1996, p. 101).

Parece que grande parte da desconfiança de lésbicas e gays em relação às pessoas bissexuais vem precisamente da falha em reconhecer o dano ocasionado pela desigualdade específica da prática não-monogâmica entre uma mulher que escolhe amar mulheres e outra que permanece apegada ao sexo dominante.

#### *Tomada bissexual da história e cultura lésbica*

Um aspecto da política bissexual que pode preocupar acadêmicas lésbicas, e todas aquelas lésbicas que recebem ajuda da história e cultura lésbica, é a tentativa de alguns ativistas e acadêmicos bissexuais de anexar aquelas figuras e obras que foram identificadas como parte da história e literatura lésbica. Escritores bissexuais afirmam que figuras na história, literatura e cultura popular foram desenterradas por estudiosos gays e lésbicas como tendo relações com o mesmo sexo, como seus heróis bissexuais e seus antecessores. Eles usam o trabalho de acadêmicas lésbicas e gays para fazer isso. Marjorie Garber, que escreveu um livro de 528 páginas dedicado precisamente à recuperação de heróis bissexuais da cultura lésbica e gay, explica que essa recuperação de bissexuais está ocorrendo rapidamente. O jornal informativo da Rede de Mulheres Bissexuais de Boston, ela registra, “incluía à lista de ‘Famosos Switch-Hitters’ (rebatedores de beisebol que batem tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda) que foi “selecionada, curiosamente, de um livro publicado de *Listas Lésbicas*” (Garber, 1996, p. 37). Garber argumenta que muitos textos e figuras supostamente lésbicos e gays merecem ser recuperados para a história e cultura bissexual:

... estudos gays e lésbicos, em um movimento importante e inovador para tornar visível e concreto o conteúdo homossexual culturalmente reprimido (ou suprimido) de muitos livros, filmes, estilos estéticos e histórias de vida individuais, reivindicou figuras como Virginia Woolf, Oscar Wilde, Ernest Hemingway, Cary Grant, a novela *The Fox*, do poeta D.H. Lawrence, *O quarto de Giovanni*, de James Baldwin... como figuras gays e textos gays, embora muitos deles possam ser mais apropriadamente descritos como bissexuais (Garber, 1996, p. 28).

De acordo com Garber, a “favorita perpétua” que bissexuais buscam resgatar a história lésbica é Virginia Woolf. Garber também reivindica Woolf, assim como outros membros do grupo Bloomsbury.

No entanto, se qualquer “estilo de vida” deve ser considerado uma tipificação das vidas dos Bloomsberries, é na verdade a bissexualidade. Woolf e Sackville-West eram mulheres casadas que faziam sexo com mulheres. Harold Nicolson teve casos com homens durante sua vida de casado (Garber, 1996, p. 105).

O livro de Garber é uma coleção de anedotas, uma lista de pessoas famosas e breves descrições de suas supostas aventuras bissexuais com nenhum contexto histórico ou comentário crítico. Se essa lista for desmontada, é possível lançar algumas dúvidas sobre a “bissexualidade” dos incluídos. Pode ser argumentado que Virginia Woolf, por exemplo, valorizava mulheres muito mais do que a descrição acima sugeriria. Afinal de contas, ela declarou que “só as mulheres mexem com minha imaginação” (Nicolson e Trautman, 1975-1980, vol. 4, p. 203). Garber ignora a importância da natureza compulsória do casamento, há 100 anos, para membros das classes média e alta. Embora homens como Oscar Wilde possam ser forçados a se casar por expectativas sociais e pela falta de um modelo para um estilo de vida diferente e homossexual, a necessidade do casamento para as mulheres era ainda mais coercitiva. As mulheres precisavam se casar para sua subsistência numa época em que as ocupações profissionais não estavam abertas às mulheres e as heranças iam para os homens. Assim, Virginia Woolf escreveu de uma forma mais comovente sobre a necessidade de uma pequena renda privada e um “Quarto todo seu” para escrever.

Garber debocha da importância do contexto histórico e da necessidade de ser cautelosa ao aplicar noções modernas de identidade bissexual, lésbica ou gay a figuras históricas.

Acho que podemos nos iludir um pouco sobre o quão verdadeiramente "historicizadas" nossas noções de identidade cultural podem ser. Alexandre o Grande, Vita Sackville-Wests e Eleanor Roosevelt sobre os quais estudamos são tanto construções de biógrafos, cineastas e romancistas modernos quanto as pessoas "reais", "originais" e "historicizadas" que um dia as criaram nomes (Woolf em Nicolson e Trautman, 1975-1980, vol. 4, p. 52).

Assim, ela conclui, qualquer pessoa pode reivindicar qualquer figura histórica para apoiar sua causa, sem se importar com a razoabilidade ou implicações políticas de seu caso. Tal casualidade é um contraste surpreendente com o trabalho muito cuidadoso de estudiosas lésbicas feministas sobre as definições e a adequação, por exemplo, de chamar as figuras do século XIX de “lésbicas” (Lesbian History Group, 1989). Os romances que Garber afirma serem bissexuais também são surpreendentes. Garber identifica *The Fox*, de D. H. Lawrence, como "uma das narrativas ficcionais mais citadas sobre a bissexualidade" (Garber, 1996, p. 467). O romance é sobre duas mulheres que vivem juntas. Um homem decide separar as mulheres namorando uma delas, com o poder de uma raposa de caça. Quando ela se recusa a

deixar sua amiga por ele, ele faz com que uma árvore que está sendo derrubada caia sobre sua rival. O casamento ocorre, mas no final do romance, March é notavelmente ambivalente e sem entusiasmo por seu futuro heterossexual imposto. Não há bissexualidade entusiástica neste romance e pode ser mais facilmente visto como representando uma determinação masculina para mostrar que um homem sempre será capaz de vencer o lesbianismo ou como um exemplo de como foi difícil para as mulheres viverem juntas e se amarem com sucesso no período em que a história se passa.

*Moças Amigáveis* (original *Friendly Young Ladies*), de Mary Renault, é outro romance com um enredo semelhante: o homem separa o casal de lésbicas e conquista a garota. Erin G. Carlston, na coleção de estudos culturais *RePresentando Bissexualidades*, explica que o romance é uma “teorização da bissexualidade que desafia os discursos médicos e literários dominantes sobre a homossexualidade em seu tempo” (Carlston, 1996, p. 165). Esse romance também pode ser mais razoavelmente lido como revelando as forças da heterossexualidade compulsória e as dificuldades de escolher amar as mulheres na Grã-Bretanha dos anos 1940.

A definição de bissexualidade que permite que tais figuras históricas e literárias sejam reivindicadas como bissexuais é empobrecida e acrítica. A evidência de que um personagem interagiu com o sexo oposto, embora com relutância, é tratada como evidência de bissexualidade. Quando personagens femininas que mostram entusiasmo pelas mulheres e aversão aos homens, ou têm suas namoradas mortas por pretendentes masculinos, são identificadas como bissexuais, parece que uma nova versão do imperativo heterorrelacional está em operação. Janice Raymond inventou o termo útil *heterorrelações* para descrever a “ampla gama de relações afetivas, sociais, políticas e econômicas que são ordenadas entre homens e mulheres pelos homens” (Raymond, 1994, p. 7). O imperativo heterorrelacional reforça tais relações ou exalta sua importância em contextos inadequados.

### *Bissexualidade e política lésbica feminista: a importância da escolha*

A maior parte da retórica da política bissexual que reprova o feminismo lésbico e define a bissexualidade como superior é baseada na profunda ignorância ou aversão às ideias e práticas do feminismo lésbico. A complexa e sofisticada teoria lésbica feminista é reduzida, na retórica bissexual, em ódio ao homem ou fascismo de gênero. De fato, é a escolha positiva de amar mulheres em vez de homens que distingue o feminismo lésbico da bissexualidade. Diferente da identidade bissexual, a identidade lésbica feminista não é baseada na “biologia” ou “verdade” sexual ou simplesmente no que as mulheres fazem ou fizeram com suas genitais. Abrange muito mais do que apenas atos sexuais. Conforme diz a filósofa lésbica feminista Claudia Card:

Autoidentificação como lésbica... não é simplesmente com base em experiências lésbicas significativas, mas geralmente indica ter tornado os relacionamentos lésbicos centrais na vida de alguém, tendo escolhido organizar uma vida em torno de experiências lésbicas e possibilidades, estando comprometida com certa orientação de atenção, fluxo de energia, recursos, etc. (Card, 1995, p. 34).

Sue Wilkinson e Celia Kitzinger explicam, em sua antologia inovadora, *Heterossexualidade* (original *Heterosexuality*):

Afirmar nosso lesbianismo é um ato feminista libertador. Quando dizemos que somos lésbicas não é (necessariamente) porque nunca gostamos de sexo com homens... não é (necessariamente) porque nunca nos sentimos sexualmente atraídos por homens... não é porque experimentamos nossa sexualidade como um atributo pessoal "rígido", "fixo" e "essencial"... mas porque estamos fazendo uma afirmação política (Wilkinson e Kitzinger, 1993, p. 7-8).

Quando mulheres escolhem ser lésbicas, essa escolha oferece vantagens poderosas. “O poder disponível para ser quem escolhe, quem decide em favor do desvio das normas heterossexuais, pode ser muito grande” (Frye, 1983, p. 150). Uma das vantagens é que ela permite integrar sua vida emocional e sexual com sua política feminista e ter, como Claudia Card pontua, “uma certa integridade de resposta emocional com convicção política” (Card, 1995, p. 49-50). Lésbicas feministas traduzem seu comprometimento com as mulheres e o feminismo em relacionamentos amorosos com aquelas que são o centro de suas vidas políticas e a força de sua revolução, mulheres, em vez de membros da classe dominante, homens.

A escolha da mulher que ama, permite que lésbicas feministas imaginem e criem um mundo alternativo ao supremacista masculino heterossexual, baseado em valores lésbicos, particularmente na alternativa da sexualidade lésbica (Hart, 1996). A escolha que lésbicas feministas fazem por mulheres é um ato político. Cheryl Clarke expressa que o lesbianismo é “um ato de resistência” (Clarke, 1981, p. 128). É um ato de resistência porque a heterossexualidade, como instituição, funda e molda a supremacia masculina (Rich, 1984). Teóricas lésbicas feministas têm analisado as formas pelas quais a heterossexualidade constrói e organiza a opressão das mulheres. Feministas heterossexuais estão apenas começando a responder aos convites das lésbicas em fazerem parte da construção dessa teoria (ver contribuições de Wilkinson e Kitzinger, 1993; Richardson, 1996). Essa análise crítica da heterossexualidade está ausente na maioria da teoria bissexual.

A escolha por amar apenas mulheres resiste ao princípio fundamental imposto pela supremacia masculina, conforme Marilyn Frye aponta, o de amar o homem. Homens gays, mulheres heterossexuais, mulheres bissexuais, homens heterossexuais, todos amam homens. Eles são conformistas. Apenas lésbicas são resistentes e rebeldes que colocam mulheres em primeiro lugar e recusam amar homens contra todas as pressões da dominação masculina e da cultura de amar o homem.

Não amar homens é, na cultura supremacista masculina, possivelmente o pecado mais execrável... Não amar homens é tão vil nesse esquema de valores que não pode ser concebido apenas como algo meramente negativo, uma simples ausência de interesse, mas deve ser visto como uma inimidade positiva (Frye, 1983, p. 135).

Em oposição, mulheres bissexuais podem permanecer sendo leais ao homem, amando e permitindo o acesso dos homens de fato ou, no caso das que se relacionam apenas com mulheres, mas optam por se autoneoamar bissexuais porque “conheceram” um homem,

simbolicamente. A decisão por expressar lealdade ao rótulo ou à prática da bissexualidade é compreensível devido às punições que recaem sobre aquelas que são desleais. Conforme Frye comenta: “a exclusão deliberada e consciente de homens por mulheres, de qualquer modo, é insubordinação flagrante e gera medo de punição e represália nas mulheres (medo que muitas vezes é bem-justificado)” (Frye, 1983, p. 103).

Em vez da política bissexual ser nova e progressista, elementos dela podem representar uma ameaça aos ganhos de comunidade e visibilidade que as lésbicas conquistaram. A política bissexual representa um desafio para a continuação da visibilidade do feminismo lésbico. A constante reiteração da possibilidade da escolha lésbica é necessária em uma cultura supremacista masculina que continuamente esconde essa escolha e representa o lesbianismo apenas como uma excitação sexual na indústria do sexo masculino, como excitação sexual na forma de adicional à heterossexualidade convencional, apenas como prática sexual ou como moda. Como Frye aponta, a prática do feminismo lésbico já é “quase impensável” (Frye, 1983, p. 145).

A escolha de ser lésbica já é restringida para mulheres, como são outras escolhas, pela desigualdade estrutural. Mulheres com empregos que pagam bem, mulheres que não têm filhos, podem fazer essa escolha com mais facilidade, por exemplo. O ataque à exclusividade e ao fascismo de gênero da escolha lésbica, entretanto, imperativos da política queer para amar homens, podem tornar ainda mais difícil para as mulheres escolherem tornarem-se lésbicas no futuro. Elas podem se sentir forçadas a deixarem o caminho aberto ao acesso masculino aos seus corpos e suas emoções, como agora fazem alguns dos que estão naquelas antologias bissexuais, apesar de seu real interesse apenas em mulheres. Sempre foi preciso muita coragem para escolher mulheres, e se o novo imperativo bissexual se popularizar, conforme a política bissexual ataca e invisibiliza as ideias e práticas lésbicas feministas, então essa escolha pode se tornar ainda mais difícil. O estudo de Weinberg e outros sobre bissexualidade em São Francisco apontou que uma mudança já está acontecendo.

Os homossexuais mais velhos tendem a enfatizar a exclusividade de parceiros do mesmo sexo como a base da identidade homossexual, uma vez que esta é a identidade pela qual eles tiveram que lutar. Os homossexuais mais jovens, no entanto, podem se aproximar de uma identidade já conquistada e fazer experiências com ela. Essa experimentação inclui a bissexualidade (Weinberg et al., 1995, p. 299).

A identidade da lésbica, enquanto mulher que recusa o acesso masculino e se engaja de fato no ato de resistência ao poder masculino, certamente não se tornou segura ou certa. A julgar pela hostilidade expressa nas antologias bissexuais em relação ao feminismo lésbico que prioriza as mulheres, lésbica ainda é uma identidade estigmatizada e arriscada. Assim, o “não-dizer” que o lesbianismo constitui é tão importante hoje como sempre foi.

A política bissexual se distingue da política feminista lésbica pela falta de qualquer crítica feminista à construção do amor e do desejo e todas as suas manifestações. A maioria da política bissexual trata o ato sexual como algo que acontece naturalmente e é motivada pela agenda da liberdade sexual de que tudo vale. Mesmo ativistas feministas bissexuais que criticam a heterossexualidade e buscam incorporar a ética feminista do amor e do sexo em seus relacionamentos se distinguem das lésbicas feministas por terem escolhido amar os

homens. Essas são diferenças políticas significativas. É importante que as mulheres que escolhem mulheres possam comemorar essa escolha e não se sintam sob mais pressão do que já existe na supremacia masculina para permitir o acesso dos homens às suas pessoas ou identidades.

## REFERÊNCIAS

Ault, Amber. The dilemma of identity: Bi women's negotiations. *In: Steven Seidman (Ed.), Queer theory/sociology*. Cambridge, MA: Blackwell, 1996.

Bell, Diane, & Klein, Renate. *Radically speaking: feminism reclaimed*. Melbourne: Spinifex/London: Zed Press, 1996.

Cade, Felicity.. Marriage and bisexuality. *In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 114-118.

Card, Claudia.. *Lesbian choices*. New York: Columbia University Press, 1995.

Carlston, Erin G. Versatile interests: Reading bisexuality in "The Friendly Young Ladies". *In: Donald E. Hall & Maria Pramaggiore (Eds.), RePresenting Bisexualities. Subjects and cultures of fluid desire*. New York: New York University Press, 1996. p. 165-179.

Clarke, Cheryl. *Lesbianism: An act of resistance*. *In: Cherríe Moraga & Gloria Anzaldúa (Eds.), This bridge called my back*. Writings by radical women of color. Watertown, MA: Persephone Press, 1981. p. 128-137.

Dajenya.. Sisterhood crosses gender preference lines. *In: Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 247-251.

Davis, Mark, Dowsett, Gary, & Klemmer, Ulo. On the beat. *In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 188-199.

Drake, Kelly.. Bisexuality and spirituality. *In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 111-113.

Eadie, Jo. Being who we are (and anyone else we might want to be). *In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 16-20.

Elliott, Beth. Holly near and yet so far. *In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 233-254.

Euroqueer. Bisexuality in Brussels. *In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 287-288.

Faderman, Lillian. *Surpassing the love of men: Romantic friendship and love between women from the Renaissance to the present*. London: Junction Books, 1981.

Field, Nicola. Trade secrets. In Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), *Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 133-141.

Firestein, Beth A. (Ed.). *Bisexuality. The psychology and politics of an invisible minority*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1996.

Frye, Marilyn. *The politics of reality: Essays in feminist theory*. New York: The Crossing Press, 1983.

Garber, Marjorie. *Vice versa. Bisexuality and the eroticism of everyday life*. New York: Touchstone, Simon and Schuster, 1996.

Gibian, Ruth. Refusing certainty: Toward a bisexuality of wholeness. In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 3-16.

Gonsalves, Sharon. When healing becomes possible. In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 115-126.

Goswami, Chandini. (1991). My underself. In Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), *Bi Any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 60-63.

Hall, Donald E. BI-introduction II: Epistemologies of the fence. In: Donald E. Hall & Maria Pramaggiore (Eds.), *RePresenting Bisexualities. Subjects and cultures of fluid desire*. New York: New York University Press, 1996. p. 8-16.

Harne, Lynne; Miller, Elaine. (Eds.). *All the rage: Reasserting radical lesbian feminism*. London: The Women's Press, 1996.

Hart, Nett. *From an eroticism of difference to an intimacy of equals: A radical feminist lesbian separatist perspective on sexuality*. In: Lillian Mohin (Ed.), *An intimacy of equals: Lesbian feminist ethics*. London: Onlywomen Press, 1996. p. 69-77.

Hutchins, Loraine; Kaahumanu, Lani. (Eds.). *Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991.

Jeffreys, Sheila. *Anticlimax: A feminist perspective in the sexual revolution*. London: The Women's Press, 1990.

Jeffreys, Sheila. *The lesbian heresy. A feminist perspective on the lesbian sexual revolution*. Melbourne: Spinifex/London: The Women's Press, 1993.

Jeffreys, Sheila. The queer disappearance of lesbians. *Women's Studies International Forum*, n. 17, p. 459-472, 1994.

Jeffreys, Sheila. Transgender activism. *Journal of Lesbian Studies*, n. 1, v. 3/4, p. 55-74, 1997.

Joseph, Sue. *She's my wife. He's just sex*. Sydney: Australian Centre for Independent Journalism, 1997.

Leeds Revolutionary Feminist Group. Political lesbianism: The case against heterosexuality. In: Onlywomen Press (Eds.), *Love your enemy: The debate between heterosexual feminism and political lesbianism*. London: Onlywomen Press, 1981.

Lesbian History Group. *Not a passing phase*. Reclaiming lesbians in history 1840–1985. London: The Women's Press, 1989.

MacKinnon, Catharine. *Towards a feminist theory of the state*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

Mathur, Gyan. Sado-masochism and bisexuality. In: Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), *Bisexual horizons*. Politics, histories, lives. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 206-210.

Nicholson, Nigel; Trautman, Joanne. *The letters of Virginia Woolf* (6 vols.). New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1975-1980.

O'Connell, Eileen. Coming out. In Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), *Bisexual horizons*. Politics, histories, lives. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 100-104.

Onlywomen Press. (Eds.). *Love your enemy: The debate between heterosexual feminism and political lesbianism*. London: Onlywomen Press, 1981.

Parnaby, Julia. Queer straits. *Trouble and Strife: The Radical Feminist Magazine*, n. 26, p. 13-16, 1993.

Pateman, Carole. *The sexual contract*. Cambridge, UK: Polity Press, 1988.

Queen, Carol. The queer in me. In: Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), *Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 17-21.

Raymond, Janice. *The transsexual empire*. New York: Teachers' College Press, 1994.

Reichler, Rifka. A question of invisibility. In: Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), *Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 77-78.

Rich, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: Ann Snitow (Ed.), *Desire: The politics of sexuality*. London: Virago, 1984.

Richardson, Diane. (Ed.). *Theorising heterosexuality*. Buckingham, UK: Open University Press, 1996.

Rose, Sharon, & Stevens, Cris. (Eds.). *Bisexual horizons*. Politics, histories, lives. London: Lawrence and Wishart, 1996.

Stokes, Joseph, Kittiwut, Taywaditep, Vanable, Peter, & McKirnan, David J. Bisexual men, sexual behaviour and HIV/AIDS. In Beth A. Firestein (Ed.), *Bisexuality*. The psychology and politics of an invisible minority. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996. p. 149-168.

Sturgis, Susan M. Bisexual feminism: Challenging the splits. In Sharon Rose & Cris Stevens (Eds.), *Bisexual horizons. Politics, histories, lives*. London: Lawrence and Wishart, 1996. p. 41-44.

Strubbe, Bill. *Getting over the ick factor*. Outrage, May, 1997.

Terris, Ellen. My life as a lesbian-identified bisexual fag hag. In: Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), *Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 56-59.

Trnka, Susanna. A pretty good bisexual kiss there... In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 103-114.

Tucker, Naomi. Bay area bisexual history: An interview with David Lourea. In Naomi Tucker (Ed.), *Bisexual politics. Theories, queries, and visions*. New York: The Harrington Park Press, 1995. p. 47-61.

Udis-Kessler, Amanda. Closer to home: Bisexual feminism and the transformation of hetero/sexism. In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 183-201.

Wark, McKenzie. Bisexual meditations. In: Jill Julius Matthews (Ed.), *Sex in public. Australian sexual cultures*. St. Leonards, NSW, Australia: Allen and Unwin, 1997. p. 63-77.

Weinberg, Martin S., Williams, Colin J., & Pryor, Douglas W. *Dual attraction. Understanding bisexuality*. New York: Oxford University Press, 1995.

Weise, Elizabeth Reba. (Ed.). *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992.

Wilkinson, Sue. Bisexuality a la mode. *Women's Studies International Forum*, n. 19, p. 293-300, 1996.

Wilkinson, Sue; Kitzinger, Celia. (Eds.). *Heterosexuality. A feminism and psychology reader*. London: Sage, 1993.

Yoshizaki, Amanda. I am who I am—A married bisexual teacher. In: Loraine Hutchins & Lani Kaahumanu (Eds.), *Bi any other name: Bisexual people speak out*. Boston: Alyson Publications, 1991. p. 25-26.

Yoshizaki, Amanda. Breaking the rules: Constructing a bisexual feminist marriage. In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 155-162.

Young, Stacey. Breaking silence about the "B-Word": Bisexual identity and lesbian-feminist discourse. In: Elizabeth Reba Weise (Ed.), *Closer to home: Bisexuality and feminism*. Seattle: Seal Press, 1992. p. 75-87.